



PSICANÁLISE

Thomas H. Ogden

# Meias verdades

*Um romance*

**Blucher**

**KARNAC**

# MEIAS VERDADES

Um romance

Thomas H. Ogden

Tradução  
Ester Hadassa Sandler

*Authorised translation from the English language edition published by Karnac Books Ltd.*

*Meias verdades: um romance*

Título original: *The Parts Left Out: A Novel*

© 2013 Thomas H. Ogden

© 2017 Editora Edgard Blücher Ltda.

### **Equipe Karnac Books**

*Editor-assistente para o Brasil* Paulo Cesar Sandler

*Coordenador de traduções* Vasco Moscovici da Cruz

*Revisora gramatical* Beatriz Aratangy Berger

*Revisora literária* Patrícia Nunes

*Conselho consultivo* Nilde Parada Franch, Maria Cristina Gil Auge, Rogério N. Coelho de Souza, Eduardo Boralli Rocha

## **Blucher**

---

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar  
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil  
Tel.: 55 11 3078-5366  
[contato@blucher.com.br](mailto:contato@blucher.com.br)  
[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

Segundo o Novo Acordo Ortográfico,  
conforme 5. ed. do Vocabulário  
Ortográfico da Língua Portuguesa,  
Academia Brasileira de Letras, março  
de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial  
por quaisquer meios sem autorização  
escrita da editora.

---

Todos os direitos reservados pela  
Editora Edgard Blücher Ltda.

### **FICHA CATALOGRÁFICA**

---

Ogden, Thomas H.

Meias verdades : um romance / Thomas  
H. Ogden ; tradução de Ester Hadassa  
Sandler. – São Paulo: Blucher, 2017.

240 p.

ISBN 978-85-212-1174-7

Título original: *The Parts Left Out: A Novel*

1. Literatura norte-americana I. Título  
II. Sandler, Ester Hadassa

17-0405

CDD 813.6

---

Índices para catálogo sistemático:  
1. Literatura norte-americana

# Conteúdo

Um	9
Dois	25
Três	43
Quatro	61
Cinco	79
Seis	99
Sete	125
Oito	139
Nove	151
Dez	175

Onze	189
Doze	209
Treze	231

# Um

No fim de agosto, a estrada para a fazenda Bromfman é parecida com tantas outras estradas que percorrem as fazendas produtoras de grãos no Kansas – terra ressecada, recoberta por uma fina poeira de argila amarela que cambia quase que imperceptivelmente à menor brisa. Randy Larsen recebera um telefonema avisando que ocorreria uma morte na fazenda e estava se dirigindo para lá. No condado de Arwood, o delegado adjunto ao xerife é responsável pelo inquérito de rotina para esclarecer as circunstâncias de mortes ocorridas fora do Hospital do Condado. A maioria dessas investigações é encerrada com um mero telefonema de pêsames. Randy imaginou se algum parente de Earl Bromfman ou de sua esposa – qual era mesmo o nome dela? – tinha morrido inesperadamente durante uma visita ao casal.

Randy e Earl se conheceram no colegial, onde tinham sido colegas no time de futebol americano. Todo ano os jogadores mais velhos davam trotes nos mais novos; quando o calouro Randy

entrou no time, Earl, que estava no terceiro ano, protegeu-o. Por isso, Randy lhe era grato até hoje. Randy se lembrava de Earl como um “garoto de fazenda”, cuja família de agricultores levava um tipo de vida difícil de imaginar para as pessoas criadas na cidade. A natureza governava a vida na fazenda de um modo que as crianças da cidade podiam pressentir, mas nunca compreender de fato. As forças da natureza tinham um poder imenso: nuvens de gafanhotos, escuras e quilométricas, eclipsavam o sol; legiões e mais legiões de pragas atacavam as plantações de trigo, destruindo, para milhares de pessoas, um ano inteiro de trabalho; os animais da fazenda ficavam profundamente desolados quando uma cria nascia morta; os prejuízos causados por geadas fora de época ou por tempestades de granizo no verão... Todas essas ameaças pairavam silenciosamente sobre as crianças do campo dando-lhes a noção de que a natureza era imparcial, não tinha inimigos ou favoritos; as crianças viviam aterrorizadas, pois sabiam que os pais não podiam controlar o próprio destino e nem proteger os filhos das incertezas.

A fazenda de trigo pertencia à família Bromfman há três gerações. Earl, agora com trinta e seis anos, herdara a fazenda e era o responsável por administrá-la. Ele era um homem grande, de cabelos loiros ralos e lisos, com penetrantes olhos azuis; tinha uma voz ressonante com timbre de baixo profundo que impunha um respeito que ele sentia não merecer. Como muitos outros pequenos fazendeiros no Condado de Arwood, ele enfrentava várias dificuldades: períodos repetidos de seca e, principalmente, a concorrência das cooperativas que, com seus modernos sistemas de irrigação e transporte, podiam vender as colheitas a um preço muito menor do que o dos pequenos produtores. Earl assumiu a fazenda logo depois de terminar a faculdade, uma decisão bem recebida pelo pai cuja artrite piorava a cada ano, pelo irmão mais velho e pela irmã mais nova, pois eles achavam que a fazenda estava falida.

Restavam na área poucas fazendas pequenas, a maioria delas dirigidas por homens que Earl conhecera a vida toda. Eles tinham frequentado a mesma escola, a mesma igreja, as casas uns dos outros por variadas razões, como levar uma marmita para alguém que estava doente ou emprestar uma ferramenta ou uma máquina por alguns dias. Earl sempre fora benquisto; era considerado um homem leal, solidário aos amigos, cujas fazendas e envelhecidas máquinas agrícolas defenderia como se fossem dele.

Marta, a mulher de Earl, era uma mulher sisuda e de constituição franzina; trabalhava na fazenda com o marido e mais um ou dois empregados contratados temporariamente – eles simplesmente apareciam quando a estação de plantio se aproximava e desapareciam logo após a colheita. Quando os tempos ficaram mais difíceis, Marta começou a trabalhar como garçonete na lanchonete da cidade para ganhar algum dinheiro extra; durante as estações de plantio e colheita ela trabalhava por meio período, e no inverno fazia tempo integral. Ela era sempre gentil com os fregueses e colegas de trabalho, mas raramente sorria e nunca gargalhava. Ela não falava de si mesma ou de sua família e nunca bisbilhotava a vida dos outros; era pontual e ia embora assim que seu turno acabava. Era difícil estimar a sua idade, pois sua face parecia uma teia de aranha formada por rugas de preocupação e sulcos cavados na pele pelo sol.

Marta não quisera ter filhos, mas acabou tendo dois: Warren e Melody, agora com onze e quinze anos de idade; eles ajudavam bastante com as tarefas da fazenda, assim Earl não precisava pagar empregados. À medida que Warren crescia, Melody o ensinava a fazer tarefas cada vez mais difíceis. Sobrava-lhes pouco tempo para fazer qualquer outra coisa além de ir à escola e trabalhar na fazenda, por isso acabaram se tornando muito amigos; na verdade,

não tinham outros amigos. Quem os visse juntos perceberia que tinham uma profunda ligação, mas apenas eles mesmos conheciam a natureza dessa ligação.

A casa sede na fazenda de Earl era pequena até para o padrão das casas das fazendas vizinhas. Tinha apenas três cômodos – uma cozinha, que ocupava inteiramente o andar térreo, e dois dormitórios no andar superior – e um pequeno banheiro sob o vão da escada. Earl e Marta dormiam no quarto maior; Melody e Warren partilhavam o outro quarto, menor, em que Earl e os irmãos dormiam na infância.

Desde pequeno, Warren fora muito tímido; andava atrás da mãe, de manhã até a noite, e nunca a perdia de vista. Com apenas dois anos de idade ele já acordava antes do nascer do sol com o rumor dos pais se arrumando para as tarefas da manhã; silenciosamente, seguia a mãe até o estábulo onde ela dava comida e água para os dois cavalos do arado. Warren sentava no chão, perto de uma das baias, sugando o polegar e observando a mãe trabalhar. A boca e a face ficavam salpicadas por uma mistura de terra, feno e estrume, mas nada disso parecia incomodá-lo. Marta via essa incessante necessidade de o menino ficar perto dela como um sinal de fraqueza, uma qualidade que não o favorecia; pois, como ela sabia muito bem, os fracos não se davam bem nesse mundo.

O que mais a repugnava era o contínuo sugar do polegar e, pior ainda, a expressão alucinada de Warren enquanto o fazia. Ele começara a chupar o dedo quando tinha apenas algumas semanas de vida e quanto mais crescia, mais o fazia. Ele ficava com o dedo na boca o tempo todo, não só na frente da família, mas também – e sem qualquer traço de constrangimento – na frente das visitas e na escola; e fazia isso até hoje, com onze anos, muito além da idade em que as outras crianças já tinham abandonado esse hábito.

Nos últimos anos, a Srta. Wells, a professora da escola, fazia questão de dizer a Marta, sempre que a encontrava na lanchonete, como Melody era uma boa menina, quase uma mocinha; era muito bem-dotada e cooperativa. Depois, a professora acrescentava que Warren era um bom menino, mas muito quieto; informava que ele preferia sentar na última fileira, chupando o polegar; ele quase não se relacionava com os colegas, seja nas lições, no canto ou nos esportes. Mas ela enfatizava que cada criança era diferente da outra; e que nos seus muitos anos de ensino ela aprendera várias vezes uma lição: de um jeito ou de outro, todas acabam crescendo e se saindo bem. Marta balançava a cabeça, aparentemente concordando que cada criança era diferente, mesmo crianças da mesma família; e que cada uma encontraria seu rumo, só Deus sabe como. Mas Marta se encolhia por dentro quando a Srta. Wells falava sobre Warren daquele jeito; no entanto, era impossível perceber pela expressão de sua face se ela de fato concordava ou não com a Srta. Wells quanto aos dotes de Melody e à certeza de que Warren, como todas as outras crianças, iria se tornar um bom homem, de quem seus pais se orgulhariam.

A Srta. Wells estava certa, Melody era uma boa menina, mas não tinha sido sempre assim. Quando Warren nasceu, Melody tinha quatro anos e era um pequeno terror, correndo em torno da casa sem escutar o que se lhe falava. Dar tapas no traseiro dela não adiantava nada, até piorava a situação, pois aí ela fazia um grande drama, chorando e gritando de um modo inconcebível, capaz de rachar a cabeça de quem estava por perto; além disso, dava um trabalhão limpar toda a produção de muco que vinha do nariz da menina. A única coisa que funcionava com Melody era colocá-la de castigo no quarto e ameaçá-la, dizendo que se ela ousasse sair seria trancada no armário. Marta só precisou trancar Melody no armário algumas vezes para ela aprender a se comportar; a partir de então, tornou-se uma criança bastante cooperativa.

Marta cruzou novamente com a Srta. Wells quase no fim do verão, em um sábado especialmente quente e úmido. Todas as mesas da lanchonete estavam ocupadas e as pessoas se amontoavam na porta, meio para dentro e meio para fora do restaurante. Com a porta aberta, o ar condicionado não conseguia dar conta do calor que emanava da rua e também da cozinha. A parte de trás do uniforme de Marta estava empapada de suor; ela anotava os pedidos dos fregueses que acabavam de sentar, servia os pratos quentes que se empilhavam no passa-pratos da cozinha, levava o troco para os clientes que estavam impacientes para ir embora e arrumava as mesas onde se esparramavam copos e pratos sujos. Quando Marta foi encher um copo de Coca-Cola na máquina de bebida, a Srta. Wells conseguiu encurralá-la. Ela conseguiu se desembaraçar da professora depois de mais ou menos um minuto, mas nesse meio-tempo a Srta. Wells fez um relatório sobre Melody e Warren que deixou Marta agitada.

Nessa noite, quando Warren terminou de limpar a mesa depois da ceia, Marta, ainda encostada na pia e com os braços mergulhados até os cotovelos na água ensaboada, falou:

— Eu vi a Srta. Wells hoje. Ela disse que você senta lá no fundo da classe e fica chupando o dedo o dia inteiro. Você devia saber que já tem onze anos.

Marta descobrira como lidar com Melody, mas era mais jovem então; porém, esgotara os seus recursos com Warren. O próprio armário nunca funcionara com ele. Ele era um menino voluntarioso. A mãe de Marta nunca tivera de lidar com ninguém como Warren; além disso, elas não se falavam há muitos anos e Marta nem sonhava em lhe pedir um conselho sobre coisa alguma. A mãe de Earl, Flora, morrera há alguns anos, mas conversar com ela não servia para nada, porque ela sempre ficava do lado das crianças e isso deixava Marta tão brava que mal conseguia manter a polidez.

Ao longo dos anos, e em várias ocasiões, Marta chegou a ir até a farmácia com a intenção de perguntar ao farmacêutico, o Sr. Renkin, se ele sabia como lidar com uma criança da idade de Warren que continuava a chupar o polegar; mas toda vez, o orgulho levava a melhor e ela não conseguia falar com ele; em vez disso, comprava alguma coisinha de que não precisava, de modo a não chamar a atenção de ninguém. Pouco depois do décimo primeiro aniversário de Warren, Marta percebeu que jamais conseguiria falar diretamente com Sr. Renkin; ela achou que teria mais facilidade de lidar com a garota que trabalhava meio período na farmácia e que usava um crachá azul brilhante com o nome “Jenny” escrito em letras brancas contornadas de vermelho. Jenny era uma garota ruiva e esguia, com a face salpicada de grandes sardas marrom-alaranjadas e devia ter terminado o colegial há um ano ou dois, no máximo.

Marta conhecera meninas como Jenny na escola, e não gostava do tipo: meninas que ficavam levantando a mão o tempo todo, ansiosas para se exhibir. Marta teria preferido falar com uma mulher mais velha, que já tivesse tido filhos e que soubesse como crianças podiam ser difíceis.

Como a farmácia ficava bem em frente ao restaurante, Marta podia observar a loja; corria para lá nos intervalos do trabalho, quando a farmácia estava vazia. Tentando parecer o mais natural possível, como se o problema que estivesse tendo com Warren fosse corriqueiro, ela perguntou a Jenny no tom mais amigável e maternal que conseguiu forjar:

— Você sabe se existe alguma coisa para evitar que as crianças ponham o dedo na boca?

Jenny olhou para Marta com ar de interrogação, sem entender bem o que ela estava perguntando:

— Você quer dizer, um bebê que põe tudo na boca?

— Não, queria algo para uma criança mais velha.

— Uma criança mais velha que faz o que com os dedos?

— Uma criança mais velha que fica com o polegar na boca.

— Ah, você quer dizer uma criança mais velha que ainda chupa o polegar. Tinha uma menina na minha classe que fez isso por muito tempo. Era triste, e eu costumava me sentir mal por ela. Eu vou perguntar ao Sr. Renkin o que se pode fazer.

Jenny deu a volta e entrou atrás do balcão, sussurrando algo para o farmacêutico. Marta ficou espiando pelo canto do olho. O jeito que Jenny estava cochichando e a expressão séria na face do Sr. Renkin fizeram ela se sentir como uma menina pedindo informações sobre o tratamento de sífilis, e não um remédio para alguém parar de chupar o dedo.

Jenny retornou e disse a Marta:

— O Sr. Renkin falou para você não se preocupar. Disse que o problema não é incomum e que as crianças em geral o superam, mas algumas crianças precisam ser forçadas a largar. Ele sugere colocar nos dedos da criança uma pomada com gosto e cheiro ruins que deixa o dedo dormente; a maioria das crianças não gosta da sensação e para de chupar o dedo. A pomada fica pronta em mais ou menos uma hora.

De volta ao restaurante, Marta repassou na cabeça várias vezes as palavras de Sr. Renkin, satisfeita por ouvir que “algumas crianças precisam ser forçadas”. Ele parecia entender o que ela estava combatendo. Ela não diria nada a Earl. Não havia necessidade de incomodá-lo com isso. Como mãe, era seu trabalho lidar com essas coisas.

Ele provavelmente não entenderia o dano que essas coisas, quando muito prolongadas, podem fazer – ele era bastante desatento e indolente no que tangia às crianças, mas esse era o jeito dos homens, não é mesmo? As palavras do Sr. Renkin continuavam a ressoar na cabeça de Marta, mas era a voz de Jenny que pronunciava as palavras que Marta estava ouvindo. Jenny era apenas uma menina; uma menina dessa idade não tem experiência real com crianças ou com a vida para falar essas coisas. No entanto, o som da voz de Jenny teve para Marta um efeito calmante. Depois de ter falado com o farmacêutico, a moça a tratara com respeito, como se trata alguém mais velho; o farmacêutico deve ter mencionado o seu sobrenome de casada, pois Jenny a chamou de Sra. Bromfman. Marta gostou disso.

O movimento no restaurante foi fraco no restante da tarde. Marta conferia o relógio a cada dez minutos, antecipando o momento de pegar a pomada. Ela ensaiou mentalmente as palavras que usaria para falar com Warren sobre a pomada que passaria em seus polegares; na realidade, ele apenas sugava o polegar direito; mas, e se ele comesse a usar o esquerdo quando o direito não estivesse mais disponível? Ela imaginou a expressão na face do filho quando anunciasse que os dias de envergonhar a si mesmo e à família tinham terminado. Marta tinha de achar um tempo e um lugar para que ela e o menino não fossem interrompidos por Earl ou Melody. Provavelmente, seria melhor levá-lo para fora depois que ele tivesse terminado de lavar a louça do jantar. A última coisa que ela queria era que Melody ou Earl estragassem o plano em que tinha investido tanto tempo e esforço. Não tinha sido fácil para ela, mas uma vez que ela era o único membro da família que levava o assunto a sério, sobrara para ela resolvê-lo.

A ceia pareceu interminável; finalmente, a mesa foi limpa, o chão varrido e a louça posta no escorredor para secar. Marta viu que Warren estava prestes a sumir. Ela o chamou:

— Warren, quero falar com você.

Com seu jeito obediente e indiferente Warren se virou e seguiu a mãe pela porta dos fundos até chegar num retângulo de terra batida pelo sol, cheia de marcas de pneus; o lugar ficava entre a casa e a área externa, e era usado apenas eventualmente pelos empregados. Ali enferrujavam silenciosamente uma empilhadeira, uma velha colheitadeira e outras máquinas agrícolas.

— Encontrei a Srta. Wells outro dia e ela me disse que você é um bom menino, mas que se afasta dos outros e fica com o polegar na boca o tempo todo. É verdade?

Abaixando o olhar para o chão Warren disse:

— Eu acho que sim.

— Ela disse que você tem de ser incentivado a não agir mais desse jeito. Você acha que essa é uma boa ideia, que você poderia ser ajudado a fazer isso?

— Eu não sei, há...

— Você não fica constrangido de na sua idade ainda chupar o dedo, na frente de todos?

— Acho que sim.

— Falei com Sr. Renkin da farmácia e ele receitou algo que pode ajudar você a quebrar esse hábito. Você quer ver o que é?

Ainda olhando para o chão e fazendo riscos na terra seca com a ponta do sapato direito, ele disse baixinho:

— Tudo bem.

— É uma pomada para passar nos polegares; serve para você se lembrar que está pondo o dedo na boca. Depois de tanto tempo, você não sabe mais quando o seu dedo está na boca ou não. Você acha que um lembrete vai ajudá-lo a perceber que está fazendo isso, para que você consiga parar?

— Eu não sei. Talvez.

— Estou com o tubo aqui e vou passar um pouco nos seus polegares. Vamos começar agora mesmo, não há por que protelar, não é?

Marta removeu cuidadosamente o tubo de pomada da sacola de papel que Jenny lhe dera apenas algumas horas atrás. Depois de espremer um pouco da pomada amarelo-claro no próprio indicador, Marta olhou para Warren; ele lhe estendeu ambas as mãos com as palmas para baixo. Marta segurou o braço dele firmemente e esfregou a pomada profundamente na pele do polegar, de cima a baixo; depois, fez o mesmo com o outro dedo. Warren não ofereceu resistência. O odor acre da pomada irritou os olhos de Marta fazendo-a lacrimejar.

Depois que a pomada foi aplicada, Warren sumiu na escuridão da casa. Melody já estava no quarto que dividia com o irmão; estava sentada na cama e lendo um livro escolar quando ele entrou.

Ela olhou para cima e perguntou:

— O que aconteceu?

— Ela pôs uma coisa nos meus polegares, cheira mal e tem gosto ruim.

— E dói?

— Não, mas meus dedos ficaram dormentes, e quando toco em algo parece que vão explodir como um balão.

Melody silenciosamente pegou um pedaço de pano molhado e um pouco de sabão e tentou tirar a pomada antes que ela fosse absorvida.

Na manhã seguinte, Warren deu de comer e beber aos cavalos e alimentou as galinhas, como fazia todos os dias antes do desjejum. Um tipo de vitória, Marta pensou quando o viu sem o polegar na boca e aquela horrível expressão de autossatisfação na cara. Semanas se passaram com repetidas aplicações da pomada pela manhã e à noite. A casa estava ainda mais silenciosa do que o normal; apenas umas poucas palavras eram ditas quando havia algo para ser feito. Quieta, mas de modo algum pacífica. O ar que os quatro respiravam estava impregnado da batalha que estava sendo travada entre Marta e Warren.

Embora fosse apenas um menino, Warren era páreo duro para a mãe. Ele a enfrentava de um jeito que nunca Earl ou Melody ousaram fazer. A batalha parecia se referir ao comportamento dele – o sugar o dedo que era tão odioso para Marta; mas, o que estava em jogo era muito mais do que aquele hábito. Uma luta de vida e morte se dava entre eles. O que estava em jogo eram as suas vontades. A vontade era a única coisa que ambos possuíam e que podiam chamar de própria. Em sua própria mente Marta não era nem fazendeira nem garçonne, nem esposa e nem mãe – ela era uma chama pálida que se recusava a ser extinta. Ela *era* a recusa de ter a sua vontade contrariada. Do mesmo modo, Warren, para ele mesmo, não era nem filho ou estudante. Ele *era* a recusa de ser extinto por sua mãe.

Uma manhã, em meio a esse período de guerrilhas acirradas, Marta espiou Warren sentado atrás do celeiro após ter terminado as tarefas da madrugada; ele estava com o polegar na boca. Ou ele se treinara para ignorar os efeitos da pomada, o que era totalmente possível para ele, ou encontrara um jeito de tirar a pomada dos dedos. Marta pensou que Warren, por ter desobedecido à ordem que ela lhe dera, não tinha sido pego desprevenido; ele devia estar se gabando de tê-la vencido. O efeito que a visão do menino com o dedo na boca teve sobre Marta foi sentido por toda a família de modo tão lancinante quanto o de uma bala de revolver. Nenhuma palavra foi dita. Ocorreu uma mudança radical que pareceu afetar toda a família de forma física e mental, como se a intensidade da luz do sol tivesse aumentado abruptamente e o ar tivesse ficado muito mais rarefeito do que antes. Foi deflagrada uma mudança em Marta, uma mudança que ninguém no mundo, exceto Earl, jamais vira. Dessa vez, a resposta de Marta não foi fervilhar de raiva como de costume, quando Warren desobedecia. Em vez disso, ela afundou tão profundamente em si mesma que parecia não estar mais vivendo na mesma casa ou até no mesmo mundo que os outros membros da família.

Durante esse período, que durou vários dias, Marta repetidamente perdeu e recuperou a capacidade para formular em palavras e para si mesma os próprios pensamentos. Quando foi capaz de falar para si mesma o que estava sentindo, ela se deu conta que não estava simplesmente consumida por amargura ou sede de vingança; o sentimento que teve foi de inutilidade, não apenas por sua batalha com o menino, mas também pela convicção crescente de que ela nunca escaparia da vida limitada que o destino lhe dera. Conhecera Earl quando estudava na Universidade Estadual; ela gostara dele, mas não o amara. Quando ouvia as pessoas usarem a palavra *amor* ela não tinha certeza do que elas queriam dizer com

isso. Marta se casara aos vinte e um anos de idade; aos vinte e cinco já tinha dois filhos, tendo vivido toda a sua vida adulta como esposa de fazendeiro, coisa que havia jurado para si mesma que nunca deixaria acontecer. Havia certas mulheres que não se casavam ou tinham filhos, mas elas pareciam ser mais fortes do que ela. Elas aceitavam ficar à margem, ser olhadas com pena, como se não fossem realmente mulheres. Marta se desprezava por ter sido fraca a ponto de acabar daquele jeito.

Em um dos dias em que todas essas coisas passavam em bloco por sua mente, Marta atravessou a rua correndo em direção à farmácia; desta vez, não foi para pedir um novo remédio – pois ela sabia que não havia nenhum remédio que lhe servisse ali – mas para falar com Jenny. Marta abriu a porta da farmácia e Jenny achou que ela estava diferente – olhando-a diretamente nos olhos e movimentando-se com uma determinação ardente.

Marta conduziu Jenny com firmeza para o canto da loja mais afastado de onde o Sr. Renkin estava trabalhando.

— Eu quero dizer algumas coisas para você, e se eu não falar agora acho que nunca mais vou conseguir; então, por favor, me escute. Só vou levar um ou dois minutos. Você ainda é jovem e tem chance de tomar decisões antes que elas sejam tomadas por você. Você precisa saber, pois quando casar e tiver filhos a vida que você tinha até então vai ser tirada de você. Não, na verdade, você joga a vida fora quando concorda em casar e formar uma família, mas a maioria das mulheres não sabe disso e não decide realmente ter uma família, elas simplesmente vão indo e fazem isso. É preciso ser uma mulher muito forte para decidir não casar e não ter filhos; você pode ou não ser uma dessas mulheres; mas eu quero que você tome uma decisão antes de fazê-lo; porque se você realmente

escolher essa vida, acho que sentirá menos amargura pela vida que estiver abandonando.

Marta não esperou pela resposta. Ela não pretendia ter uma conversa; apenas tinha que dizer isso como agradecimento para a moça que lhe entregara uma mensagem muito particular, de um modo que preservara um pouco da sua dignidade. Marta saiu da farmácia com passos muito rápidos, deixando como que um rastro atrás de si.

Marta agora vivia em um estado de mente sem ponderação; era arrastada para uma torrente de ação. Ela podia sentir a direção em que se movimentava, mas não sentia mais nada além de sua força imperativa. O que estava prestes a acontecer, aconteceria a despeito de qualquer interferência proveniente de qualquer pessoa. Marta não sabia a origem da ideia que tomara conta dela – ela era meramente a agente dessa ideia e não a sua arquiteta. A ideia podia ter se originado em algo que a mãe ou a avó ou mesmo um amigo lhe tivesse dito quando criança; ou em uma conversa que ela tivesse escutado, ou talvez em um sonho; talvez fosse um plano totalmente dela, realizando agora aquilo que tinha germinado há meses ou anos atrás, transformando convulsivamente algo imaginado em algo absolutamente real e irrefreável.



*Thomas Ogden, talvez o mais renomado* psicanalista que escreve na atualidade, demonstra seu talento como escritor de ficção neste impressionante romance de estreia. Seu olhar aguçado para a complexidade das relações e das fragilidades humanas tornou as personagens tão reais e tão convincentes que elas parecem saltar das páginas. O romance de Ogden confirma a ideia de que os conceitos mais verdadeiros desenvolvidos em psicanálise apareceram, primeiro, no *insight* do artista. A história captura o leitor desde os primeiros parágrafos e prende a atenção até o dramático final. Achei quase impossível parar de ler este livro.

*Antonino Ferro*

*Analista didata e supervisor  
da Società Psicoanalitica Italiana*

PSICANÁLISE

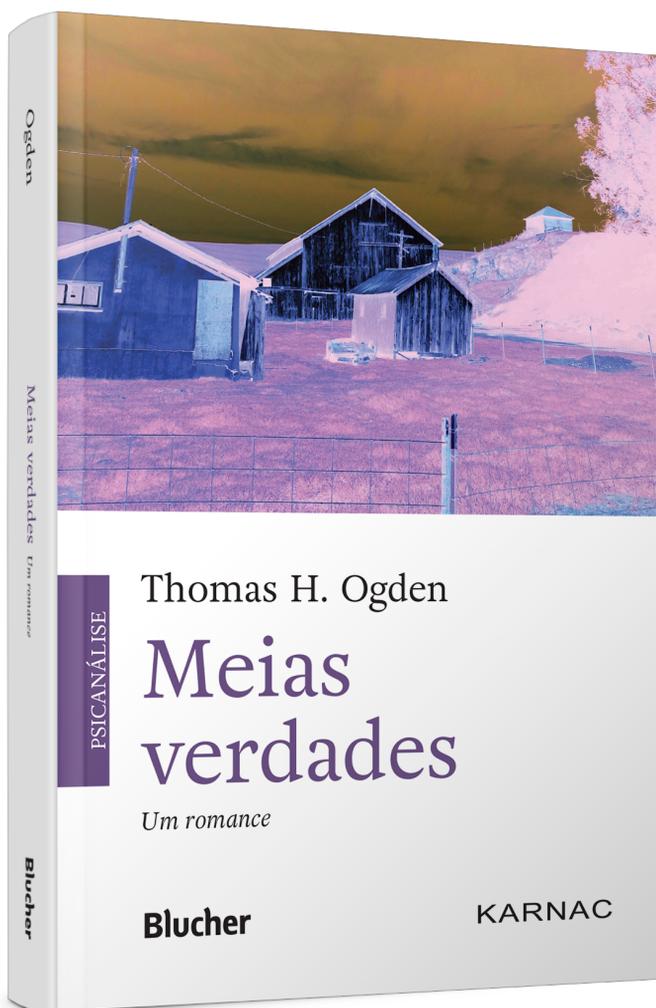
ISBN 978-85-212-1174-7



9 788521 211747

[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

**Blucher**



Clique aqui e:

[Veja na loja](#)

# Meias Verdades

Um romance

---

**Thomas H. Ogden**

ISBN: 9788521211747

Páginas: 240

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2017

Peso: 0.268 kg

---